


CERÂMICA DO POVO TERENA EXPOSTAS NO MUSEU DE PALEONTOLOGIA “PROFESSOR PEPE”: TRADIÇÃO ANCESTRAL INDÍGENA PRESERVADA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-097>

Data de submissão: 10/01/2025

Data de publicação: 10/02/2025

Leandro Cesar dos Reis

Graduando de Geografia. FCT/UNESP

E-mail: leandro.cesar13@unesp.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0142757377500453>

Lisandra Hernández Montardy

Doutora em Geografia. FCT/UNESP

E-mail: lisilhm@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1014586844269969>

Maria Eduarda Alves dos Santos

Graduanda de Geografia. FCT/UNESP

E-mail: maria.ea.santos@unesp.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5211314055903209>

Neide Barrocá Faccio

Doutora em Geografia. FCT/UNESP

E-mail: neide.faccio@unesp.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7557408900241806>

RESUMO

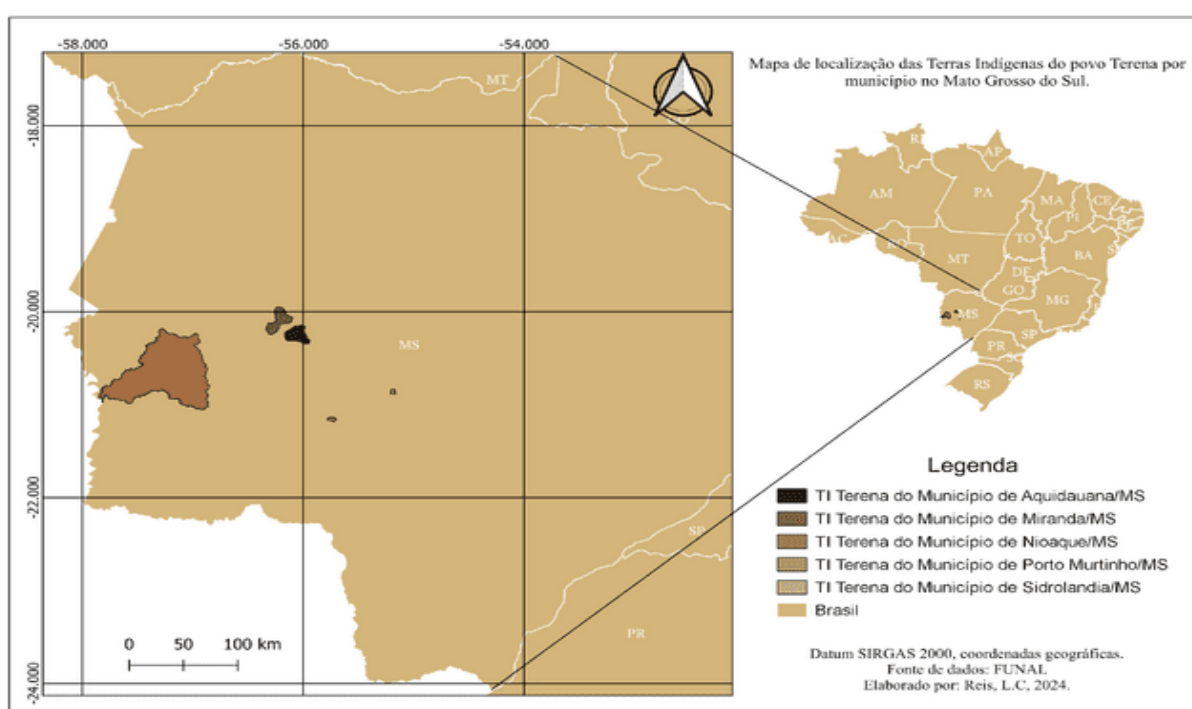
A cerâmica do Povo Terena, reconhecida como patrimônio imaterial no Mato Grosso do Sul, é produzida com técnicas ancestrais, como o acodelamento e acabamento em resina de jatobá. Este artigo aborda a curadoria da coleção de 26 peças cerâmicas expostas no Museu de Paleontologia “Professor Pepe” da FCT/UNESP, originárias do acervo do Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ), segundo o protocolo de curadoria proposto por Faccio (1998). Identificando padrões decorativos variados e um estado geral de boa conservação.

Palavras-chave: Cerâmica do Povo Terena. Museu de Paleontologia “Professor Pepe”.

1 INTRODUÇÃO

O Povo Terena pertence ao grupo linguístico Aruak e possui uma população de mais de 29.000 indivíduos, nos Estados do Mato Grosso do Sul (**Figura 1**), do Mato Grosso e de São Paulo. Desde 1500, os Terena enfrentaram as guerras e foram retirados de seus territórios ancestrais, mas, mesmo assim, preservaram sua cultura e sua identidade. Atualmente registra-se entre os Terena processos de retomada de seus territórios ancestrais, como é o caso dos Terena de Aquidauana.

Figura 1: Localização do Povo Terena no Estado do Mato Grosso do Sul



Fonte: Reis (2024).

No Estado de São Paulo, o Povo Terena está estabelecido no Município de Braúna, na Terra Indígena Icatu, onde vivem em uma área de 301 hectares - juntamente com os Povos Kaingang e Guarani.

Os Terena conservaram, por 500 anos desde o processo colonização, a tradição da confecção da cerâmica, que apresenta características específicas e que funciona como um marcador cultural. A cerâmica é parte da história do Povo Terena do MS, constituindo-se, também, uma forma de preservação cultural.

O Povo Terena destaca-se na tradição da produção da cerâmica, sendo essa reconhecida por sua técnica, estilo de modelagem e de decoração. A cerâmica Terena é valiosa, pela sua função

utilitária, e também por seu significado cultural, uma vez que faz parte das práticas cotidianas e ritualísticas da comunidade (Silva, 1949).

A cerâmica Terena foi registrada como patrimônio imaterial histórico, artístico-cultural e como bem imaterial (Livro de Saberes) do Estado do Mato Grosso do Sul. As mulheres do Povo Terena produzem a cerâmica seguindo o processo ritual que inclui: 1) não estarem menstruadas, pois tal condição ameaça o resultado final; 2) não cozinhareem, pois, o sal anula as propriedades da cerâmica; 3) não estar no período da lua nova, pois a cerâmica é governada pela lua (Gomes; Kabad, 2008).

A coleção cerâmica Terena exposta no Museu de Paleontologia “Professor Pepe” da FCT/UNESP, pertence ao Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (CEMAARQ) da FCT-UNESP, esta foi obtida na região do Mato Grosso do Sul, onde o povo Terena tradicionalmente vive¹.

A maior parte das peças dessa coleção cerâmica pertenciam ao Centro de Estudos Indígenas “Miguel Angel Menéndez” (CEIMAM), da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

Com o falecimento do Professor Miguel Angel Menéndez, da UNESP, Campus de Araraquara, em 1991; 25 cerâmicas Terena foram transferidas para o acervo do CEMAARQ. Juntou-se a essas 25 cerâmicas, mais uma peça, doada ao CEMAARQ, pela Professora Maria Angela D’Incao, professora na pós-graduação da UNESP, Campus de Araraquara, falecida no ano de 2023. Posteriormente as peças foram trasladadas à exposição do Museu de Paleontologia “Professor Pepe” em 2024.

Após a curadoria das peças cerâmicas, foi montada uma exposição itinerante no Museu de Paleontologia “Professor Pepe”. A exposição das cerâmicas pode ser vista nas **Figuras 2 e 3** que apresentam as duas vitrines com as 26 peças.

Figura 2: Vitrine 1 da exposição de cerâmicas do Povo Terena no Museu de Paleontologia “Professor Pepe” (MPP) da FCT/UNESP



Fonte: Os autores (2024).

¹ Não existe informação sobre a aldeia que deu origem as cerâmicas em tela.

Figura 3: Vitrine 2 da exposição de cerâmicas do Povo Terena no Museu de Paleontologia “Professor Pepe” (MPP) da FCT/UNESP



Fonte: Os autores (2024).

2 METODOLOGIA

O CEMAARQ desempenha uma importante função na preservação de materiais etnográficos de Povos Indígenas brasileiros e em parceria com o LAG (Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem), do MAR (Museu de Arqueologia Regional), e do Museu de Paleontologia “Professor Pepe”, da FCT/UNESP realiza curadoria e restauro de materiais cerâmicos.

A curadoria realizada para as 26 peças cerâmicas Terena do CEMAARQ possibilitam a sua caracterização, mesmo que em parte, pois muito ainda pode ser pesquisado nesses exemplares cerâmicos.

Para a curadoria das cerâmicas Terena foi empregado o método proposto por Faccio (1998), a fim de identificar classes de atributos tecnológicos, estilísticos, morfológicos, marcas de uso e o estado de conservação.

O primeiro passo da curadoria foi o de identificar cada uma das peças, numerando-as com caneta nanquim preta, na sequência, a partir do número 1 e da sigla TRN, que se refere às consoantes da palavra Terena. Depois de seca a tinta nanquim, foi passado, sobre essa identificação, uma camada de esmalte incolor.

O segundo passo foi o de registrar as características de cada peça cerâmica em uma Ficha de Curadoria, que apresenta as seguintes classes: número da peça, tipo da peça, tempero/antiplástico, espessura, altura, comprimento, largura, diâmetro da boca e forma do lábio (para o caso de vasilhas), tratamento de superfície, decoração e estado de conservação.

O terceiro passo constitui-se na caracterização das peças, a partir da elaboração de tabelas e da análise dos dados.

3 RESULTADOS: CARACTERÍSTICAS DA COLEÇÃO CERÂMICA TERENA DO MS

A **Quadro 1** apresenta os tipos dos 26 exemplares de peças cerâmicas da coleção Terena, nas categorias: jarra, tigela, tigela com tampa, tigela em forma de ave, chaleira, copo, pote, pote com alça, pote com tampa, pássaro, mamífero, miniatura de pote e miniatura de pote com tampa.

Quadro 1: Categoria das cerâmicas Terena do MS

Categoria	Quantidade	Frequência
Jarra	2	7,7%
Tigela	2	7,7%
Tigela com tampa	1	3,84%
Tigela com forma de ave	3	11,53%
Chaleira	1	3,84%
Copo	2	7,7%
Pote	2	7,7%
Pote com alça	1	3,84%
Pote com tampa	1	3,84%
Pássaro	1	3,84%
Mamífero	3	11,53%
Miniatura de pote	5	19,23%
Miniatura de pote com tampa	2	7,7%
Total	26	100%

Fonte: Os autores (2024).

Analisando os dados do Quadro 1, verifica-se a presença de oito tigelas, dez potes, duas jarras, uma chaleira, um copo, um mamífero e três pássaros. Das oito tigelas, duas apresentam tampa. Desses dez potes, um apresenta alça. As alças e as tampas são características da influência do colonizador, bem como a chaleira e os copos. Então, das 26 peças, nove apresentam interferência do colonizador na sua forma.

Das 26 peças, em apenas cinco foi possível analisar o tipo de tempero da argila, pois apresentaram fraturas; nessas vasilhas, o antiplástico/tempero identificado foi o mineral.

A espessura das peças foi medida apenas para as jarras, tigelas, tampas e potes. Em todas as peças a espessura variou de 0,4 a 1 centímetro. O **Quadro 2** apresenta a altura, o comprimento, a largura, o diâmetro da boca e forma do lábio; e a **Figura 4** mostra as 26 peças que integram a coleção.

Quadro 2: Altura, comprimento, largura, diâmetro da boca e forma dos lábios das cerâmicas Terena do MS.

Número de identificação e tipo	Altura	Comp	Largura	Diâmetro da boca	Tipo de lábio	Apêndice/alça
1 - Chaleira	18 cm	27 cm	0,8 cm	25 cm	Arredondado	Alça arredondada/bico
2 - Tigela em forma de ave	20 cm	27,5 cm	0,8 cm	58 cm	Arredondado	Cabeça e rabo de pássaro
3 - Mamífero	13 cm	14 cm	11 cm	-	-	-
4 - Tigela com forma de ave	15 cm	36 cm	0,9 cm	86 cm	Arredondado	Cabeça e rabo de pássaro

5- Tigela	12 cm	19,5 cm	0,9 cm	28 cm	Arredondado	-
6- Tigela com tampa	7 cm	14 cm	0,6 cm	34 cm	Arredondado	-
6a –Tampa da tigela	5 cm	12 cm	0,6 cm	-	Arredondado	-
7 – Tigela	7 cm	17 cm	0,8 cm	34 cm	Arredondado	-
8 - Tigela	13 cm	15 cm	0,6 cm	11 cm	Arredondado	-
8a - Tampa da tigela	4 cm	6 cm	0,6 cm	-	Arredondado	-
9 - Pote	11 cm	9,5 cm	0,8 cm	25 cm	Arredondado	-
10 - Copo	9,5 cm	8 cm	0,6 cm	24 cm	Arredondado	-
11 - Pote com alça	14 cm	10 cm	0,6 cm	24 cm	Alça e borda arredondadas	-
12 - Copo	9 cm	7,5 cm	0,7 cm	23 cm	Arredondado	-
13 - Tigela com forma de ave	10 cm	15 cm	0,4 cm	25 cm	Arredondado	Cabeça e rabo do pássaro
14 - Miniatura de pote	4,5 cm	8 cm	0,8 cm	17 cm	Arredondado	-
15 - Miniatura de pote	7 cm	7 cm	0,6 cm	16 cm	Arredondado	-
15a – Tampa da Miniatura de pote	3 cm	5 cm	0,6 cm	-	-	-
16 - Pote	13 cm	12 cm	0,9 cm	26 cm	Arredondado	-
17 - Miniatura de pote	7 cm	7 cm	0,5 cm	16 cm	Arredondado	-
17a - Tampa da miniatura de pote	4 cm	6 cm	0,6 cm	-	Arredondado	-
18 - Miniatura de pote	5 cm	5 cm	0,4 cm	8 cm	Arredondado	-
19 - Pote	13 cm	10 cm	0,6 cm	14 cm	Arredondado	-
20 - Miniatura de pote	7 cm	9 cm	0,7 cm	9 cm	Arredondado	-
21 - Tigela com forma de ave	17 cm	21 cm	1 cm	7 cm	Arredondado	Cabeça e o rabo do pássaro
22 - Mamífero	9 cm	18 cm	5 cm	-	-	-
23 - Pássaro	8 cm	17 cm	7 cm	-	-	-
24 - Mamífero	11 cm	20 cm	7 cm	-	-	-
25 - Miniatura de pote	6 cm	5 cm	0,5 cm	10 cm	Arredondado	-
26 - Miniatura de pote	6 cm	7 cm	0,5 cm	11 cm	Arredondado	Bico

Fonte: Os autores (2024).

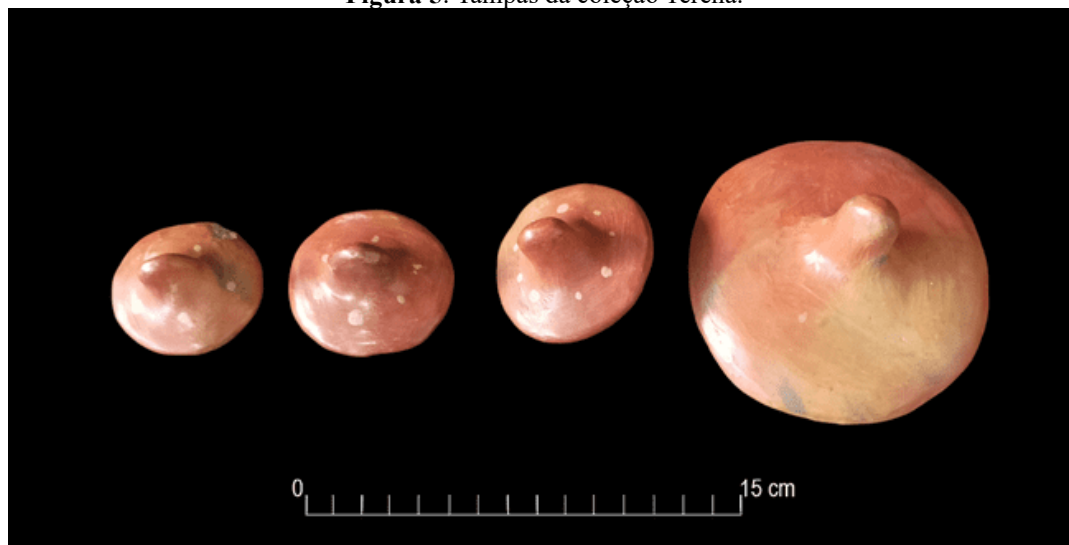
Figura 4: Coleção cerâmica Terena exposta no Museu de Paleontologia “Professor Pepe”.



Fonte: Os autores (2024).

Os apêndices das tampas apresentam-se na forma de mamilos (**Figura 5**). Os demais apêndices estão nas tigelas em forma de pássaro e estão representados pela cabeça e pelo rabo de pássaro (**Figura 6**). As alças são arredondadas, na forma de roletes (**Figura 7**).

Figura 5: Tampas da coleção Terena.



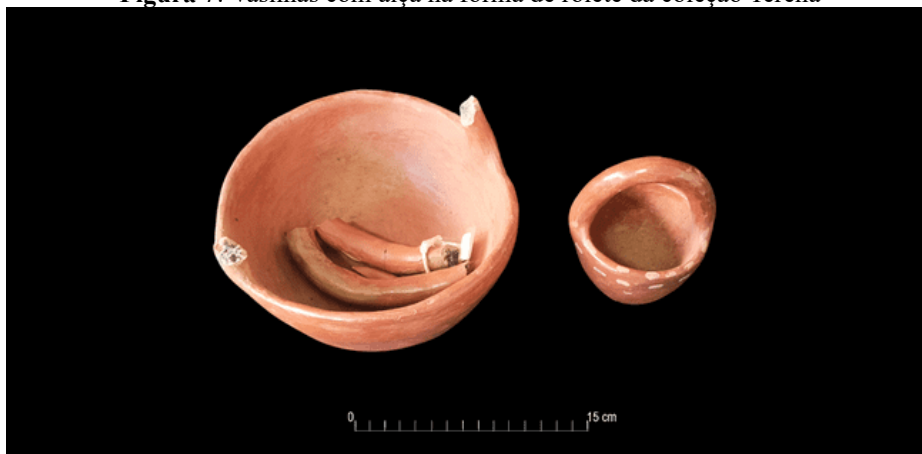
Fonte: Os autores (2024).

Figura 6: Tigelas em forma de pássaro da coleção Terena.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 7: Vasilhas com alça na forma de rolete da coleção Terena



Fonte: Os autores (2024).

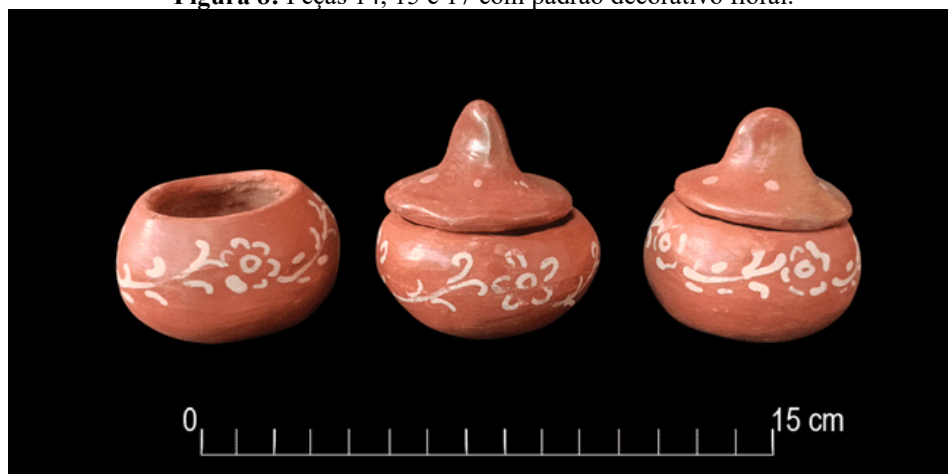
Dos dez potes da coleção, sete são miniaturas. As miniaturas são utilizadas pelos Povos Indígenas ceramistas, nas suas atividades diárias, mas também, após a colonização, começam a serem feitas em larga escala para venda.

As esculturas de pássaros e de mamíferos também são confeccionadas pelos Povos Indígenas em madeira, e são fáceis de serem comercializadas atualmente.

A cerâmica Terena é produzida pela técnica do acodelamento, com argila vermelha, deixada para secar, polida e finalizada com resina de Jatobá (Silva, 1949). Essa técnica foi utilizada nas vasilhas, potes, tigelas, chaleira e alças da coleção em análise. No caso do mamífero, dos pássaros, das miniaturas e dos apêndices, a técnica utilizada foi a modelagem.

A cerâmica Terena apresenta pintura de padrões decorativos florais ou que lembra uma renda branca (Gomes, 2016) (**Figura 8**). As **Figuras 9, 10 e 11** apresentam peças com decoração na forma de ondas.

Figura 8: Peças 14, 15 e 17 com padrão decorativo floral.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 9: Peça 9, com pintura branca sobre o lábio, na parte interna do pote próximo ao lábio e um pouco abaixo do meio da vasilha, na forma de ondas.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 10: Peças 16 e 19, com padrão decorativo em forma de ondas.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 11: Peça 8, com padrão decorativo em forma de ondas.



Fonte: Os autores (2024).

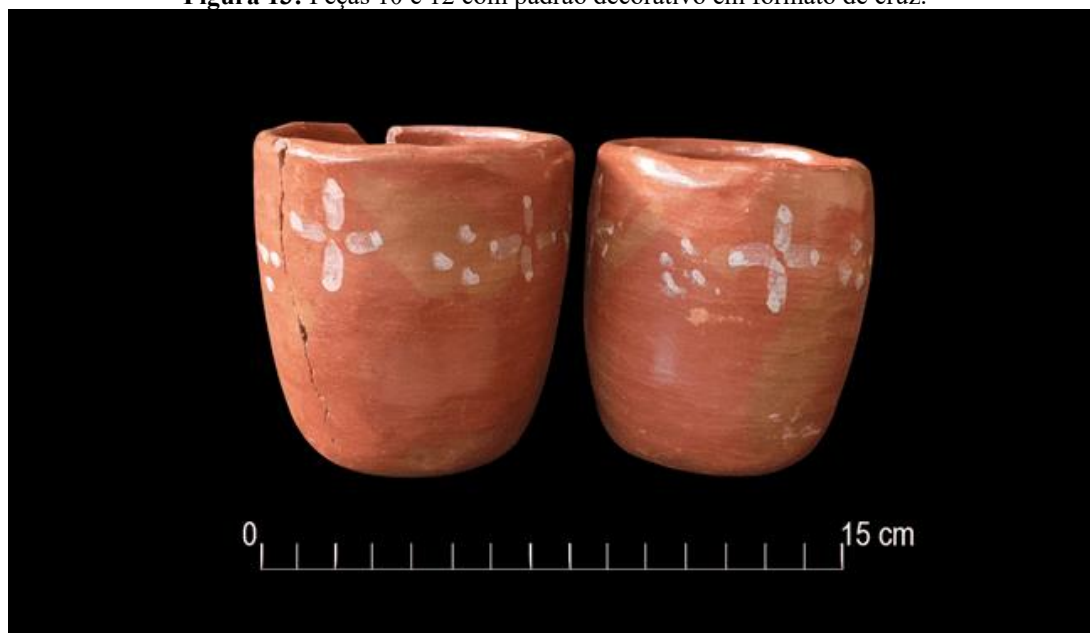
Como mostra a Figura 8, é possível identificar que as peças 14, 15 e 17 possuem uma decoração floral, enquanto as Figuras 9, 10 e 11 apresentam peças com decoração no formato de ondas. A peça 25 (**Figura 12**) apresenta decoração com faíscas e pontos de diferentes tamanhos, e as peças 10 e 12 (**Figura 13**) possuem um formato de decoração que lembra uma cruz ou uma flor.

Figura 12: Peça 25 com padrão decorativo em linhas e pontos.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 13: Peças 10 e 12 com padrão decorativo em formato de cruz.



Fonte: Os autores (2024).

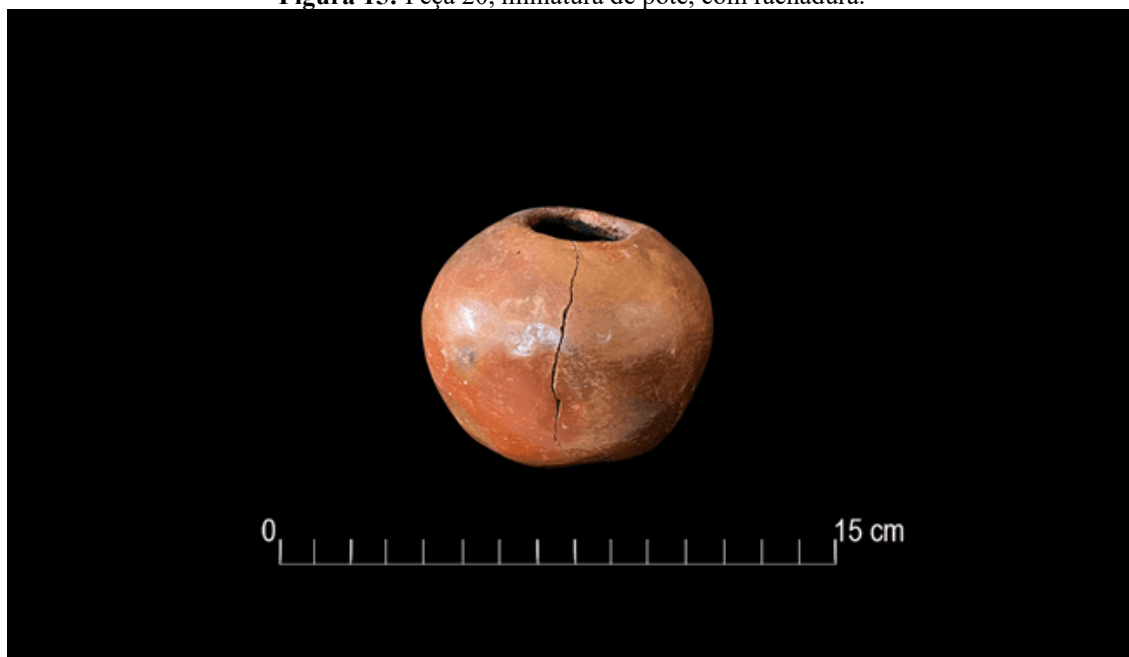
As peças apresentadas nas Figuras 8 a 13 possuem um acabamento com tinta branca tratadas com uma base transparente, provavelmente, a resina de jatobá. A espessura das faíscas dos desenhos é semelhante em todas as peças, variando entre 0,4 a 0,6 centímetros de espessura. O estado de conservação das peças é bom, apenas quatro peças (23, 10, 7 e 5) (**Figura 14**) apresentam algum tipo de quebra e só uma peça (20) (**Figura 15**) apresenta uma rachadura.

Figura 14: Peças 23, 10, 7 e 5 com fraturas.



Fonte: Os autores (2024).

Figura 15: Peça 20, miniatura de pote, com rachadura.



Fonte: Os autores (2024).

4 CONCLUSÃO

A cerâmica do Povo Terena mostra a resistência e continuidade cultural ao longo da História e também as interferências do colonizador. A preservação das técnicas de modelado e de preservação dos conhecimentos tradicionais.

As 26 peças analisadas apresentaram a mesma técnica de acordelado e acabamento das cerâmicas, evidenciando uma transmissão contínua de conhecimentos artesanais e resistência cultural do Povo Terena frente às mudanças ao longo da História. As peças, são predominantemente compostas por utensílios domésticos e mostram a centralidade das práticas cotidianas do Povo Terena.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio ao desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

Banner sobre o povo Terena presente no Museu de Paleontologia “Professor Pepe”, 2024.

SILVA, F. A. Mudança cultural Terena. **Revista do museu paulista**. 1949

GOMES, L. S; KABAD, J F. **A produção da cerâmica pelas mulheres Terena**: interfaces entre cultura material, gênero e território tradicional. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26, 2008, Porto Seguro. Anais. UFBA; Porto Seguro, 2008.

FACCIO, N. B. **Arqueologia dos cenários das ocupações agricultoras da Capivara, Baixo Paranapanema**, Tese de doutorado. MAE/USP, 1998.